

Iluminação pública é deficiente na Praia do Suá

A iluminação pública é um dos principais problemas da Praia do Suá. Embora o bairro seja bem localizado em Vitória, suas ruas são mal-iluminadas à noite, trazendo como consequência até roubo de carros. O problema se acentua devido à falta de poda de árvores pela Prefeitura que, segundo os moradores, deveria ter enviado técnicos no meio do ano para fazer o corte.

Os moradores acham que o sistema de iluminação está ultrapassado, pois as lâmpadas são fracas. Em razão disso, as pessoas temem sair à noite, quando se trancam em suas casas, muitas já gradeadas.

A presidenta da Associação de Moradores e Amigos da Praia do Suá, Maria Leonor Pereira da Silva, disse que se sente presa em sua casa, toda gradeada. Ela conta que há alguns anos a situação não era essa, pois o bairro era mais tranquilo. Agora, a falta de iluminação ajuda a agravar o problema de insegurança.

De acordo com Maria Leonor, um veículo foi roubado recentemente na Rua Neves Armond, da Igreja Católica. A rua é uma das muitas mal-iluminadas no bairro. A Almirante Tamandaré, a rua das peixarias, também é escura à noite. Ali, os postes ficam escondidos no meio das árvores.

Quando os técnicos da Prefeitura voltarem ao bairro para realizar a poda, vão ouvir mais uma vez a reclamação da presença dos cupins nas árvores. As árvores mais antigas são focos de cupins que já invadiram muitas casas, cujos pisos tiveram que ser trocados. Maria Leonor contou que uma acácia antiga morreu em frente a sua casa. Para plantar outra em seu lugar, ela teve que fazer o tratamento da terra.

Os moradores também querem que a Prefeitura construa uma praça no bairro, que é desprovido de área de lazer. A Prefeitura já dispõe de uma área próxima ao Palácio do Café, mas os moradores querem que o espaço seja trocado por outro, mais central, de propriedade do Banestes. A área tem seis mil metros quadrados e seria ideal para o lazer das crianças e dos idosos.

A construção de uma escola de 1º grau é outra reivindicação da



A Praia do Suá é um bairro rico em manifestações culturais, mas ao longo dos anos acumulou problemas que hoje dificultam a vida no local

Colônia de pescadores deu origem à região

Dormir de janelas abertas, sem grades, é motivo de saudade para seu Belmiro Rodrigues da Silva, 81 anos, morador mais antigo do bairro. Ele lembra que o grupo de aproximadamente 10 pescadores amigos, do qual fazia parte, fundou a conhecida colônia de pesca, na atual rua Almirante Barroso, onde foram construídas casas de estuque para seus familiares.

Ele saiu de Portugal aos 24 anos de idade, com destino ao Espírito Santo, onde encontrou um recanto tranquilo e gostoso de morar. Não teve mais vontade de mudar-se da



posto pesqueiro do Estado. Os mais antigos têm saudades da época, antes do aterro, em que o mar cobria uma área desde o hospital São Pedro — construído graças ao pulso forte dos pescadores — até o Iate Clube, na Praia do Canto. Um tempo em que muitas mães tinham de buscar seus filhos na beira da praia para ir para a escola ou para almoçar.

Muitos moradores saíram do bairro com o passar dos anos, mas cerca de 60 pescadores resistiram à industrialização da atividade e continuam no ramo artesanal ao contrário

Comércio toma conta da área

De bairro residencial tranquilo, Praia do Suá se transformou num local quase essencialmente comercial. As mudanças trouxeram problemas para os moradores, como a falta de segurança. O bairro não tem um módulo policial e nem policiamento ostensivo. Muita gente está preferindo vender sua residência para se mudar para apartamento e isso aumenta a descaracterização do local.

Três estupros já ocorreram no bairro neste ano, sendo dois nas proximidades da Prodest e outro nas imediações do Hortomercado. Só um policiamento intenso pode tranquilizar os moradores, que reivindicam a construção de um módulo policial.

Durante uma audiência com o comandante da Polícia Militar, Luiz Sérgio Aurich, a associação de moradores vislumbrou dias melhores para o bairro com a informação de que a Praia do Suá também poderia ser beneficiada com a Polícia Montada. Só que a entidade esbarra no fato de a comunidade não poder arcar com os custos de alimentar os cavalos da PM, pois esta é uma exigência da corporação, de acordo com a diretoria.

Unidades não serão ativadas

O superintendente de Ações de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde, Etny Scarton, divulgou ontem que não há planos de reativar o hospital São Pedro, na Praia do Suá, que já não funciona há anos. Muito menos o hospital São Sebastião, que também não funciona e, por ser uma unidade privada, a Sesa não tem como intervir.

Ele justificou que o hospital São Pedro foi desativado na época por não oferecer instalações adequadas para o funcionamento de um hospital geral. Apontou também o local, onde era situado, como ruim, não registrando inclusive benefícios para os moradores das regiões vizinhas. Ele disse que tem conhecimento de que as instalações foram cedidas pelo Ministério da Previdência aos moradores, mas

radadores, deveria ter enviado técnicos no meio do ano para fazer o corte.

Os moradores acham que o sistema de iluminação está ultrapassado, pois as lâmpadas são fracas. Em razão disso, as pessoas temem sair à noite, quando se trancam em suas casas, muitas já gradeadas.

A presidenta da Associação de Moradores e Amigos da Praia do Suá, Maria Leonor Pereira da Silva, disse que se sente presa em sua casa, toda gradeada. Ela conta que há alguns anos a situação não era essa, pois o bairro era mais tranquilo. Agora, a falta de iluminação ajuda a agravar o problema de insegurança.

De acordo com Maria Leonor, um veículo fôï roubado recentemente na Rua Neves Armond, da Igreja Católica. A rua é uma das muitas mal-iluminadas no bairro. A Almirante Tamandaré, a rua das peixarias, também é escura à noite. Ali, os postes ficam escondidos no meio das árvores.

Quando os técnicos da Prefeitura voltarem ao bairro para realizar a poda, vão ouvir mais uma vez a reclamação da presença dos cupins nas árvores. As árvores mais antigas são focos de cupins que já invadiram muitas casas, cujos pisos tiveram que ser trocados. Maria Leonor contou que uma acácia antiga morreu em frente a sua casa. Para plantar outra em seu lugar, ela teve que fazer o tratamento da terra.

Os moradores também querem que a Prefeitura construa uma praça no bairro, que é desprovido de área de lazer. A Prefeitura já dispõe de uma área próxima ao Palácio do Café, mas os moradores querem que o espaço seja trocado por outro, mais central, de propriedade do Banestes. A área tem seis mil metros quadrados e seria ideal para o lazer das crianças e dos idosos.

A construção de uma escola de 1º grau é outra reivindicação da comunidade. Para estudar, as crianças do bairro precisam atravessar a Avenida César Hilal, pois a escola mais próxima é o Polivalente da Praia do Suá. Os moradores ainda reclamam da existência de mosquitos na região e reivindicam a presença do Procim para detectar os focos. A comunidade da Praia é afetada ainda pelos problemas de drenagem. Quando a maré enche ou chove muito, a esquina da Rua Ferreira Coelho, como a César Hilal, fica inundada, o que prejudica o trânsito. Os moradores do edifício Castelmare ficam ilhadados.



A Praia do Suá é um bairro rico em manifestações culturais, mas ao longo dos anos acumulou problemas que hoje dificultam a vida no local

Colônia de pescadores deu origem à região

Dormir de janelas abertas, sem grades, é motivo de saudade para seu Belmiro Rodrigues da Silva, 81 anos, morador mais antigo do bairro. Ele lembra que o grupo de aproximadamente 10 pescadores amigos, do qual fazia parte, fundou a conhecida colônia de pesca, na atual rua Almirante Barroso, onde foram construídas casas de estuque para seus familiares.

Ele saiu de Portugal aos 24 anos de idade, com destino ao Espírito Santo, onde encontrou um recanto tranquilo e gostoso de morar. Não teve mais vontade de mudar-se da "Praia de banhos". Num dia de folga da atividade pesqueira, seu Belmiro foi jogar uma partida de futebol, na Barra de Itapemirim. Lá conheceu Onorina, com quem permanece casado há 45 anos. Com 9 filhos e 19 netos, o pescador "das antigas" acha que muita coisa mudou, mas o clima de amizade permanece.

Ele, como outros pescadores, João Varanda, João Ribeiro, João Joana, seu Adal-



Seu Belmiro lembra dos tempos em que podia dormir de janela aberta

berto, Alci Machado — muitos falecidos —, saía de casa de madrugada e chegava a levar o pescado nas costas para vender no mercado capixaba, na Avenida Jerônimo Monteiro. Há cerca de 15 anos, a comercialização era feita na Rua Almirante Tamandaré, na Praia, segundo o vice-presidente da As-

sociação de Moradores, Zezito Francisco Mário, descendente de um dos fundadores do bairro — o avô e então comerciante David Francisco Maio.

A tradição de vender peixe fresco — a pesca continua sendo uma das principais atividades econômicas da área — tornou a Praia o principal entre-

posto pesqueiro do Estado. Os mais antigos têm saudades da época, antes do aterro, em que o mar cobria uma área desde o hospital São Pedro — construído graças ao pulso forte dos pescadores — até o Iate Clube, na Praia do Canto. Um tempo em que muitas mães tinham de buscar seus filhos na beira da praia para ir para a escola ou para almoçar.

Muitos moradores saíram do bairro com o passar dos anos, mas cerca de 60 pescadores resistiram à industrialização da atividade e continuam no ramo artesanal ao contrário dos armadores de pesca. A indústria Alvarenga, que fica perto do hortomercado, não representa uma ameaça na avaliação de Zezito, também proprietário de uma peixaria. Algo em comum os mais antigos têm com os novatos; as histórias de pescador. Uma delas, a de que um pescador (já falecido) teria capturado o tubarão (de aproximadamente uma tonelada) mais pesado do Estado, há uns 40 anos, foi confirmada por seu Belmiro.

clar. As mudanças trouxeram problemas para os moradores, como a falta de segurança. O bairro não tem um módulo policial e nem policiamento ostensivo. Muita gente está preferindo vender sua residência para se mudar para apartamento e isso aumenta a descaracterização do local.

Três estupros já ocorreram no bairro neste ano, sendo dois nas proximidades da Prodest e outro nas imediações do Hortomercado. Só um policiamento intenso pode tranquilizar os moradores, que reivindicam a construção de um módulo policial.

Durante uma audiência com o comandante da Polícia Militar, Luiz Sérgio Aurich, a associação de moradores vislumbrou dias melhores para o bairro com a informação de que a Praia do Suá também poderia ser beneficiada com a Polícia Montada. Só que a entidade esbarra no fato de a comunidade não poder arcar com os custos de alimentar os cavalos da PM, pois esta é uma exigência da corporação, de acordo com a diretoria.

Unidades não serão ativadas

O superintendente de Ações de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde, Etny Scarton, divulgou ontem que não há planos de reativar o hospital São Pedro, na Praia do Suá, que já não funciona há anos. Muito menos o hospital São Sebastião, que também não funciona e, por ser uma unidade privada, a Sesa não tem como intervir.

Ele justificou que o hospital São Pedro foi desativado na época por não oferecer instalações adequadas para o funcionamento de um hospital geral. Apontou também o local, onde era situado, como ruim, não registrando inclusive benefícios para os moradores das regiões vizinhas. Ele disse que tem conhecimento de que as instalações foram cedidas pelo Ministério da Previdência aos moradores, mas argumentou que na época da implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), "esse hospital não entrou no esquema".

O superintendente de Ações de Saúde da Sesa observou que os moradores da região têm acesso a hospitais de resolutividade, não muito longe do bairro, apontando o Dório Silva e o hospital São Lucas. "Estas duas unidades possuem excelentes equipamentos e profissionais", destacou. E mesmo com o fechamento do hospital São Pedro e do São Sebastião, acredita que a população local não ficou desassistida na área de Saúde.

PM acha local 'privilegiado'

O comandante da Polícia Militar, coronel Luiz Sérgio Aurich, disse ontem que a Praia do Suá é uma das regiões mais privilegiadas na área de segurança pública, pois o bairro está situado próximo às áreas de maior vigilância por parte da Polícia Militar. Além disto, ele descartou a princípio qualquer projeto que fixe no local policiais, voltando a afirmar que acredita no policiamento de mobilidade. Ele garantiu que "qualquer problema na área a Polícia é acionada e em poucos minutos as viaturas estão no local".

Aurich lembrou que uma guarnição do Batalhão de Choque da Polícia Militar fica instalada nas proximidades da ponte da passagem, e na Praia do Canto foi feito reforço policial.

Somente em locais de grande aglomeração, como no centro de Vitória, Vila Velha e praias é que a Polícia Militar está fixando policiais. "Esses pontos são preocupantes devido ao número de pessoas que frequentam o local, mas em bairros como Praia do Suá é muito mais viável e de resultado imediato a ação das viaturas, o que vêm ocorrendo constantemente na região", garantiu.

Os bares instalados na região central da Praia do Suá aumentam, como destacou, o registro de brigas. Apesar de não ter dados em mãos, em relação ao índice de assaltos e roubos no bairro, ele afirmou que aquele é um dos bairros mais tranquilos, se comparado com outras regiões da Grande Vitória. Não existe previsão de colocar na região um módulo ou reforço policial, mas segundo o comandante da PM a população deve contribuir, avisando aos policiais imediatamente casos de anormalidade na área.

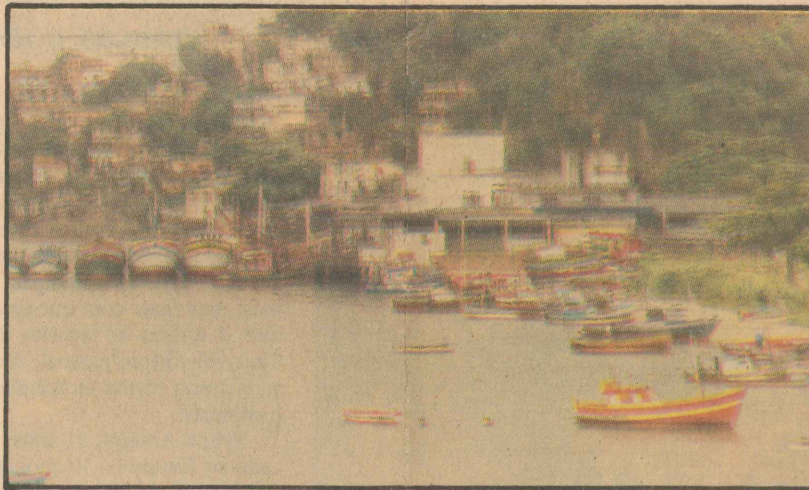
Nome surgiu de expressão em francês

O nome do bairro surgiu de uma expressão — "Bon Soir" — utilizada por um então professor de francês, com muita frequência, ao apreciar a beleza das noites do local. Sua paixão pela paisagem era tamanha que a praia passou a ser conhecida como "Suá" entre as pessoas mais humildes, pela semelhança do som.

A Praia do Suá se divide do Bairro Bento Ferreira pela Avenida Leitão da Silva (apelidada há décadas de "Pau Roliço"). Segundo o vice-presidente da Associação de Moradores, Zezito Francisco Mário, o apelido foi em função de uma antiga briga entre os moradores dos dois bairros, que quando se encontravam na via "acabavam quebrando o pau, devido ao bairrismo".

Nas décadas de 30 e 40, o "Be-co do Formigueiro" (hoje Rua Professor Sarmento) era uma área de prostituição, onde os pescadores, principalmente, costumavam tomar cachaça e relaxar. "Moça de família por lá não passava", brincou Zezito.

Algumas tradições ainda são



A atividade pesqueira é antiga na Praia do Suá

mantidas no bairro. A principal delas é a procissão marítima, que teve início há cerca de 70 anos como complemento da "bênção dos anzóis". É que na saída da baía de Vitória um padre abençoava as embarcações para que a pescaria fosse ainda mais abundante no decorrer do próximo ano.

Anos depois, foi criada a animação de rua. Os moradores ven-

diam comidas e bebidas típicas numa festa junina. Porém, o festejo, que servia para unir "uma grande família" passou a ser apenas um "meio de ganhar dinheiro", com a "invasão" de barraqueiros de outros bairros. Há cerca de 8 anos, um padre da igreja católica local proibiu o comércio de bebidas alcoólicas na festa, causando uma ruptura: a igreja realiza uma festa

na Rua Neves Armond e a comunidade na Rua Almirante Tamandaré.

A prática de soltar fogos de artifícios ao chegar em frente ao Convento da Penha para agradecer o pescado, já não existe mais.

Fundado em 1952, o restaurante São Pedro também faz parte da tradição do bairro, pois já recebeu figuras ilustres como os governadores da Guanabara e de São Paulo, Carlos Lacerda e Ademar de Barros, entre outros políticos, como Ulysses Guimarães e Lula, cantores e compositores famosos como Nelson Gonçalves, Altamar Dutra, Aaulfo Alves, Ari Barroso, Jamelão, a dupla sertaneja Milionário e Zé Rico, os grupos Ultraje a Rigor, Titãs, Engenheiros do Hawaii, vários atores, o escritor Dias Gomes, os comediantes Chico Anysio e Os Trapalhões, entre outros. Entre as dedicatórias dos livros com autógrafos destacam-se a de Luiz Gonzaga — "Viva São Pedro, o pescador das escrituras" — e a do cartunista Ziraldo — "A alegria já começa pelo cheirinho bom".

Rede elétrica melhora em 93

Somente em março do próximo ano haverá melhora na rede de iluminação das vias da Praia do Suá. Um projeto com esta finalidade está sendo executado pela Escelsa, segundo informou ontem o chefe da Divisão de Iluminação Pública da Prefeitura, Marco Antônio Pinto. Ele destacou que a Escelsa, inclusive, já recebeu uma carta de crédito da Prefeitura para realizar o projeto.

Ele assegurou ainda que o projeto de iluminação pública não envolve apenas a Praia do Suá, mas também outros bairros — Praia do Canto, Barro Vermelho, Santa Lúcia e Bento Ferreira. Nesses bairros as vias receberão reforço no número de postes e luminárias, além de terem um aumento na potência das lâmpadas.

As ruas principais da Praia do Suá e as que sofrem o tráfego dos ônibus municipais e intermunicipais, segundo explicou, terão a duplicação da iluminação. Serão instalados postes com lâmpadas a vapor de mercúrio, de 400 watts, e nas avenidas por onde passam os ônibus as luminárias serão a vapor de sódio, também de 400 watts.

Marco Antônio explicou que a Escelsa está fazendo, inicialmente, um levantamento em Bento Ferreira, que será estendido para a Praia do Canto, Barro Vermelho, Santa Lúcia e Praia do Suá. "Depois serão apresentados os projetos, com a previsão do reinício dos trabalhos para início do janeiro próximo e o término dos serviços em março de 1993", garantiu.

O projeto também vai apontar a necessidade de poda de várias árvores, que hoje estão inclusive atrapalhando a iluminação pública da região.

Falta de serviço médico gera frustração

Para uma população que já contou com serviços de dois hospitais no bairro, é difícil aceitar a ausência do atendimento médico. Assim acontece com os moradores da Praia do Suá que sentem a falta dos hospitais São Sebastião e São Pedro. O primeiro fechou há dois anos e o segundo foi transformado em Centro de Reabilitação do Inamps, há oito anos, quando a ex-diretoria da Colônia de Pesca arrendou o imóvel por

um prazo de 99 anos.

Embora o hospital de São Sebastião seja de particulares, os moradores vão pedir a interferência da Secretaria Estadual de Saúde para reabri-lo mesmo que seja através da desapropriação do imóvel, que pertence ao médico Lucilo Borges Santana. As informações são de que o prédio ainda está equipado, mas vem sendo repassado para os filhos, que pretendem vendê-lo.

O hospital São Sebastião possuía pronto-socorro e leitos para internação. Há 40 anos, a comunidade já era atendida pelo hospital, que funcionou nos últimos anos como Santa Casa. Já o hospital São Pedro foi doado por Juscelino Kubitschek à colônia em 1960. Por dez anos ele foi administrado pelos pescadores. Em 1974, o imóvel foi arrendado para o Inamps que implantou no local um centro de reabilitação. Recen-

temente, os pescadores descobriram que todo o material do hospital sumiu antes do contrato de comodato com o Inamps e que o prazo do arrendamento era de 99 anos.

Depois de diversas viagens a Brasília, o atual presidente da Colônia, Mário Sérgio Rodrigues, conseguiu desfazer o contrato. Dentro de 180 dias ele terá o imóvel de volta.